

MITOS AFRICANOS NA DIÁSPORA: VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS NO ESPAÇO CULTURAL VILA ESPERANÇA / ESCOLA PLURICULTURAL ODÉ KAYODÊ

CAMPELO, Adriana Ferreira Rebouças ¹
CAMPELO FILHO, Haroldo Nélio Peres ²

Resumo:

Os Mitos estão presente nas comunidades de tradição afro-brasileira e em diversos outros espaços. São parte tanto das culturas africanas quanto de seus descendentes na diáspora. Por meio da oralidade os Mitos ensinam e educam, integrando diversos conhecimentos ancestrais. Nossa referência principal neste trabalho é a mitologia Iorubá dos Orixás. Percebemos que a cultura Iorubá é um dos pilares de sustentação, tanto filosoficamente quanto culturalmente e ainda religiosamente do Espaço Cultural Vila Esperança na cidade de Goiás/GO. A Vila Esperança é a referência principal do nosso estudo sobre a vivência dos Mitos no ambiente escolar. Neste espaço, na Escola Pluricultural Odé Kayodê, os Mitos se apresentam de diferentes formas, seja por meio das narrativas orais em ocasiões de roda, seja expressos nos elementos artísticos que compõem arquitetura deste lugar. Neste trabalho pensamos sobre a mitologia iorubana expressa nas vivências dos Mitos no Espaço Cultural Vila Esperança e Escola Pluricultural Odé Kayodê, mas também analisamos diversas outras experiências da utilização dos Mitos na educação e no ensino de história e cultura indígena, africana e afro-brasileira. Por meio desta abordagem temos a visão específica de uma experiência ao passo que ampliamos nosso olhar para compreender que não se trata de uma ação isolada, mas sim de um movimento planetário universal, edificado por ações concretizadas em espaços outros, com objetivos diversos ou em comum. Compreendemos o Mito como uma narrativa ancestral, transmitida de geração a geração por meio da oralidade, abrangido por exemplaridades que podem contribuir com reflexões na vida de toda e qualquer pessoa, pois, representam experiências em comum da vida humana no planeta, independentemente das especificidades culturais, políticas e estruturais de cada sociedade.

Palavras-chave: Mito, Educação, Cultura.

¹ Mestra PPGECM UFG, educadora Espaço Cultural Vila Esperança / Escola Pluricultural Odé Kayodê, dricareboucas@gmail.com

² Mestrando PPGH UFG, educador Espaço Cultural Vila Esperança / Escola Pluricultural Odé Kayodê, haroldocampelo@hotmail.com

1. Espaço Cultural Vila Esperança / Escola Pluricultural Odé Kayodê

A Escola Pluricultural Odé Kayodê é parte do projeto educativo, cultural e filosófico do Espaço Cultural Vila Esperança, associação sem fins lucrativos que atua a mais de trinta anos na cidade de Goiás/Go. A escola atende a educação infantil e a primeira fase do ensino fundamental, alicerçado principalmente nas práticas das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras.

O trabalho desenvolvido pela Escola Pluricultural Odé Kayodê traz como princípio o respeito à diversidade, educação pela ludicidade, afetividade e diálogo igualitário. O posicionamento filosófico e político estampa-se presentificado no nome da escola Odé Kayodê que em língua iorubá da Nigéria significa “O caçador traz alegria”. Uma homenagem a mulher negra, Iyalorixá, Maria Stella de Azevedo dos Santos (que viveu de 2 de maio de 1925 a 27 de dezembro de 2018), também reconhecida como Mãe Stella, referente a seu cargo, ou Odé Kayodê, seu nome iniciático. O que se propõe nesta escola é a busca de uma visão ampla de mundo:

uma visão de escola como ambiente que pode ser de felicidade, de satisfação, de diálogo, onde possamos de fato desejar estar. Um lugar de conflitos, sim, mas tratados como contradições, fluxos e refluxos. Lugar de movimento, aprendizagem, trocas, de vida, de axé (energia vital). Lugar potencializador da existência, de circulação de saberes, de constituição de conhecimentos. Lugar onde, a exemplo das culturas africanas Yorubá, Bantu e outras, reverencia-se a existência, a vida das pessoas, que independentemente de faixa etária, de comportamento, de saúde, etc., pode ser vista como divina (ROCHA; TRINDADE, p.55, 2006).

A Escola Pluricultural Odé Kayodê realiza uma educação que leva para a roda o reconhecimento e a valorização da coexistência de diversas epistêmes, evidenciando aquelas historicamente subalternizadas. Uma educação para o desenvolvimento do sentimento de coletividade, de valorização e respeito de si mesmo, do outro e pelo meio ambiente, pelas culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. Trata-se de uma educação para o reconhecimento das identidades brasileiras e de tornar positivas as relações, combatendo todos os preconceitos e valorizando as diversidades (PPP, 2019).

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê /Espaço Cultural Vila Esperança existe a presença dos Mitos como instrumento educativo de acesso às culturas e filosofias indígenas, africanas e afrodescendentes. Este espaço possui uma marcação de elementos culturais com ações de valorização de arte e estética através dos estudos, dos discursos e das imagens presentes em elementos arquitetônicos e decorativos. Objetos Míticos compõem a visualidade da Vila Esperança, com suas máscaras, as esculturas, grafismos pintados nas paredes e nos caminhos, na própria circularidade e na simbologia de cada construção.

2. Mitos e vivências educacionais

Vivenciar os Mitos significa procurar nas origens ancestrais respostas para o tempo atual, compreendendo que a vida humana é composta por ciclos e um retorno constante às gerações passadas. O que a História apresenta atualmente também já ocorreu diversas vezes, de outras maneiras, com diferentes pessoas, em diferentes contextos, espaços e culturas. Saber como os seres míticos lidaram com tais situações próprias da vida em sociedade nos possibilita enfrentar melhor aquilo que se reapresenta, tomando nossas próprias decisões, que podem ser semelhantes ou contrárias, de acordo com o sucesso ou o fracasso obtido por nossos ancestrais em suas experiências vividas em tempos longínquos.

Os Mitos, transmitidos oralmente, podem ser iniciáticos na medida em que nos abrem possibilidades de conhecimento ao adentrarmos nas culturas. Carregam em si história, memória, ética, filosofia e uma série de elementos que colaboram para a constituição de identidades individuais e coletivas. Iniciar-se nas culturas originais, indígenas e africanas é apropriar-se de nós mesmos enquanto brasileiros.

Vivenciar os Mitos, culturas e aspectos de identidades afrodescendentes e indígenas sugere a afirmação de um papel de não subalternidade na medida em que recorreremos à mitologia na educação para fortalecer traços de identidades coerentes com as origens brasileiras que vão além das europeias. “O contato com a Ética e a Estética

africanas necessariamente induz sentimento de orgulho e pertença étnica e racial nos afrodescendentes e nos brasileiros em geral” (RIBEIRO, 1998).

O Mito, neste processo, traz consigo história, cultura, ética e estética ancestrais para fortalecer nas identidades de cada um os traços fortes que possibilitam o respeito, a valorização e o empoderamento. Para Ribeiro “a identidade e a cidadania, não apenas dos afro-descendentes mas de todos os brasileiros, constroem-se a partir de importantes elementos de cosmovisões africanas” (RIBEIRO, 1996). Segundo a autora:

Há um forte liame entre ancestralidade africana e construção das identidades individuais nos países de expressiva diáspora africana, ainda que essa diáspora tenha sido forçada por circunstâncias históricas. A ancestralidade africana determina significativamente a constituição da identidade nacional brasileira, apesar da negação desse fato, imposta pela ideologia do branqueamento que determina como modelo identificatório para o desenvolvimento das identidades individuais o europeu. No entanto, como o que vive clama por expressar-se, a força vital da alma africana, presente no grupo brasileiro, contida por tanto tempo e através de tantos recursos e estratégias do poder branco, terminará por romper a espessa casca em torno dela construída (RIBEIRO, 1996, p. 255).

A noção de tempo, tanto para africanos quanto para indígenas, é concebida de uma maneira diferente da linearidade proposta pela colonialidade eurocentrada. Nas culturas ancestrais o tempo não se prende ao passado, presente e futuro. É um tempo além do tempo. E o passado é reatualizado constantemente por meio dos ritos e dos Mitos.

Segundo Mignolo (CANDAUI, 2012), as ciências, entre elas a história, criaram uma ideia de progresso em que a Europa aparece como superior. Compreendemos, portanto, que segundo esta ótica existira uma linha temporal em que os povos não-europeus estariam em um período anterior ao presente. Trata-se de uma escala de evolução em que o topo é a Europa Moderna e a cultura é definida a partir do pensamento europeu.

A colonialidade permanece presente ainda hoje, mesmo após o colonialismo. Ela continua atual nos livros didáticos, na cultura pop, na maneira de se contar a História oficial e nas escolhas de quais histórias se quer contar. Está presente nas construções das

identidades e na imposição de padrões, estabelecendo como superiores os pensamentos hegemônicos, em que de um lado existem as ciências, a História e os conhecimentos alternativos, como filosofia e teologia e, do outro, subalternizados, estão as crenças, a magia, a idolatria, os Mitos, os conhecimentos populares, separados por uma linha abissal como apontado por Santos (2010).

Orientados pelo conceito de colonialidade do saber, percebemos que a produção de conhecimento não-europeu tem sido negligenciada. O conhecimento de indígenas e africanos é visto como primitivo e irracional. Para Quijano (2010), a colonialidade faz parte da constituição do padrão mundial do poder capitalista. A autoridade, o sexo, a subjetividade estão sob a primazia da modernidade num formato Estado Nação/família burguesa/razionalidade moderna em que prevalece a identidade europeia branca, mesmo num país como o Brasil, altamente plural em termos étnicos e culturais.

Catherine Walsh (CANDAUI, 2012), tendo como referência os movimentos sociais indígenas equatorianos e afro-equatorianos, afirma que decolonialidade implica em visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Para Walsh, interculturalidade significa um processo constante de aprendizagem entre culturas com respeito, simetria e igualdade. É um conceito que questiona a colonialidade do poder, do saber e do ser. A interculturalidade, segundo Candau (2012), reconhece o direito à diferença e à luta contra as discriminações. Valoriza as diferenças e o diálogo igualitário, numa relação democrática entre os grupos.

No Espaço Cultural Vila Esperança o Mito é instrumento de valorização dos conhecimentos indígenas e afrobrasileiros. Está presente nas atividades do Ojó Odé, tarde de estudos e vivências das culturas africanas e afrobrasileiras e no Porance Poranga, estudos e vivências das culturas indígenas, sendo o condutor central das vivências e apresentando elementos necessários para as oficinas que são realizadas nas tardes culturais. Segundo Babá King, “a narrativa remete o ouvinte ao universo onde o mito se constitui” (SALAMI, 1997), e completa: “De fato, para os africanos de modo geral e para os iorubás em particular, o mito é uma narrativa sagrada ligada à memória de sua ancestralidade e, conseqüentemente, aos fundamentos da identidade individual e grupal”.

Segundo Hall (2011), a identidade, na concepção sociológica, “costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que habitam”. Stuart Hall é referencial básico para a compreensão da identidade ou identidades (muitas delas conflitantes) do sujeito; na concepção de identidade como “produção”; e para compreender as identidades culturais como pontos de identificação nos discursos de cultura e história, tendo o passado sendo construído por meio da “memória, fantasia, narrativa e mito” (HALL, 1996).

Quando tratamos de cultura afrocentrada, de educação e Mito, encaramos de frente o racismo. Para Grosfoguel (2019), na colonialidade o racismo é estruturante das configurações sociais e das relações de dominação. Segundo ele:

O racismo é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper-humanizados, etc., acima da linha do humano) e outras formas e seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano) (GROSFOGUEL, 2019).

Neste país em que ainda vivemos a ideia de uma democracia racial, que temos um racismo institucionalizado, a promoção de ações para a superação do racismo é fundamental.

É preciso superar o racismo na educação com a certeza de que a “inserção política e pedagógica da questão racial nas escolas significa muito mais do que ler livros e manuais informativos. Representa alterar os valores, a dinâmica, a lógica, o tempo, o espaço, o ritmo e a estrutura das escolas” (GOMES, 2008). É fundamental identificar, analisar e divulgar as práticas capazes de alterar a lógica escolar, práticas pautas na circularidade, na coletividade, ressignificadoras do tempo e dos espaços, valorizando a oralidade e a ancestralidade.

A presença do Mito na Vila Esperança representa uma dessas práticas criativas, inovadoras e transformadoras. É contado prioritariamente em roda, no Quilombo³, reunindo crianças, jovens e adultos. A importância do poder dos Mitos é, na Vila Esperança, uma ação de valorização dos conhecimentos ancestrais, de reconhecimento da importância histórica e cultural das origens africanas da população brasileira. Quando as pessoas se reúnem no Quilombo, em roda, para ouvir o Mito, o tempo e o espaço se tornam outros, mais amplos do que as paredes e cadeiras das escolas podem proporcionar.

Em roda, pressupõe-se que os saberes circulam, que a hierarquia transita e que a visibilidade não cristaliza. O fluxo, o movimento é invocado e assim saberes compartilhados podem construir novos sentidos e significados, e pertencem a todos e todas (ROCHA; TRINDADE, 2006, p.61).

A metodologia pedagógica da Escola Pluricultural Odé Kayodê se orienta dentro da busca por uma educação transformadora, decolonial, intercultural, criativa, transdisciplinar e complexa. Acontece em espaços democráticos que propiciam o desenvolvimento do protagonismo das crianças por meio do diálogo, num processo de educação para o exercício da cidadania. “Tudo ocorre em roda, em círculo, na ciranda. Na roda todos se veem, todos estão no mesmo patamar, todos estão na “primeira fila”, todos têm os mesmos direitos e os mesmos deveres. Em roda se conversa, se dança, se brinca, se aprende a respeitar o outro” (PPP, 2019, p. 21).

Os Mitos também estão presentes na Escola Pluricultural Odé Kayodê em momentos coletivos de roda do início do dia, nos livros da biblioteca, em filmes no Cine Vila. São recontados por meio de radiocontos na Rádio da Vila, na materialidade de jogos como o Mancala e diversos outros ambientes e ações proporcionadas pelo Espaço Cultural Vila Esperança.

³ O Quilombo é uma das primeiras construções da Vila Esperança. Trata-se de um salão em formato circular que faz referência às aldeias africanas, bem como aos locais de resistência dos africanos e seus descendentes no contexto da escravidão no Brasil. É um dos principais espaços na Vila Esperança para realização de eventos coletivos como palestras, oficinas e o Ojô Odé.

3. Em roda, algumas reflexões

Compreendemos o Mito como uma narrativa ancestral, transmitida de geração a geração por meio da oralidade, abrangido por exemplaridades que podem contribuir com reflexões na vida de qualquer pessoa, pois, representam experiências em comum da existência humana no planeta, independentemente das especificidades culturais, políticas e estruturais de cada sociedade.

O espaço físico da Vila Esperança é marcado por muitas rodas que conduzem as crianças, e os adultos, a viverem e experimentarem a circulação do poder e de seu uso. Porque nas rodas a energia circula e envolve a todos. Na grande roda da Vila, a Escola Pluricultural Odé Kayodê é um dos projetos que a compõe. É um projeto educativo direcionado às crianças da Educação Infantil e 1ª fase do Ensino Fundamental.

A Odé Kayodê rompe padrões impostos pela colonialidade e cria possibilidades efetivas de reinvenção da escola. São várias as atividades em que se destacam o fazer, a experiência, a vivência, evidenciando aspectos das culturas de matriz africana, afro-brasileira e indígena.

Na Odé Kayodê e no espaço da Vila Esperança os Mitos se apresentam de diversas maneiras, por meio de literatura escrita, audiovisual, na materialidade das construções e seus elementos simbólicos e principalmente por meio de sua característica ancestral que é da oralidade.

Para realizar um estudo na e com a Vila Esperança é necessário essencialmente ter esperança, como preconizou Paulo Freire. É encontrar o significado de cada coisa, pois tudo o que é feito neste espaço é carregado de símbolo, sentido e significado. Como nas palavras de Esteva trazidas por Walsh e por Escobar: “La esperanza no es la certeza de que algo pasará, sino de que algo tiene sentido, pase lo que pase” (ESTEVA in ESCOBAR, 2017). Para Haber (2011) a esperança é “menos una cuestión de ideales que un hueco que se nos forma en la carne, un vacío que no podemos llenar ni subjetivamente ni en nuestras relaciones objetivas; la esperanza es un vacío que nos lleva a transformarnos subjetiva y objetivamente en lo que somos como ser y como mundo”.

Concluimos que contar Mitos no ambiente escolar pode incentivar atividades e estudos que colaboram com o sentimento de coletividade e de identidade. Os Mitos podem ser iniciadores nos estudos de História e Cultura Africana e Afrobrasileira aplicando o estabelecido nas leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. É o caminho na busca por metodologias e práticas outras, um trabalho de reflexão e autocritica coletivo, decolonial e que tenha sentido, significado e esperança.

Referências

- CANDAU, V. M. Interculturalidade e educação escolar; In: CANDAU, V. M. (Org.). **Reinventar a escola**. 9. Ed, 2ª Reimpressão, Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 47-60.
- CANDAU, V. M. (Org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ESCOBAR, A. **Desde abajo, por la izquierda, y con la tierra. La diferencia de Abya Yala/Afro/Latino/América**. In WALSH, C. Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Ediciones Abya-Yala, Serie Pensamiento decolonial, 2017.
- GOMES, N. L. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.
- GROSGOUEL, R. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N; GROSGOUEL, R (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- HABER, A. **Nometodología Payanesa: Notas de metodologia indisciplinada**. Revista Chilena de Antropología, Vol. 23, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 24, p. 68-75, 1996. Disponível em <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8697>>.

PPP – **Projeto Político Pedagógico**. Escola Pluricultural Odé Kayodê. 2019.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, B. V de S. MENESES, M: P. (Orgs.) Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, R. I. **Alma Africana no Brasil**. Os iorubás. São Paulo: Oduduwa, 1996.

RIBEIRO, R. I. **De boca perfumada a ouvidos dóceis e limpos**. Ancestralidades africanas, tradição oral e cultura brasileira. Itinerários, Araraquara, n.13, 1998.

ROCHA, R. M. de C.; TRINDADE, A. L. de. Ensino Fundamental. In: **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006, p. 53-75.

SALAMI, S. **Ogum**. Dor e Júbilo nos Rituais de Morte. São Paulo: Oduduwa, 1997

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. 1º Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p. 17-83